

A QUESTÃO DA TÉCNICA EM HEIDEGGER E O IMPACTO SOBRE AS FORMAS-DE-VIDA *

THE QUESTION OF TECHNIQUE IN HEIDEGGER AND THE IMPACT ON LIFE-FORMS

Sandro Luiz Bazzanella**

Resumo: O presente artigo faz referência a pensadores que constataram ao longo do século XX a centralidade da técnica na conformação das formas-de-vida na contemporaneidade. Na sequência apresenta perspectivas analíticas sobre a técnica de natureza prometeica, que vislumbram nos seus desenvolvimentos e imperativos o caminho do progresso e do desenvolvimento humano e social. Em seu contraponto apresentam-se as análises de natureza faústica que apontam para os efeitos indesejáveis, senão os riscos para as formas-de-vida, para o mundo enquanto lugar do ser aí, advindas da crença na técnica como promotora do progresso e do desenvolvimento. Neste contexto a reflexão de Heidegger sobre a questão da técnica situa-se a partir de uma visão faústica. O filósofo da floresta negra adverte para o fato de que compreender a técnica e seu impacto sobre as formas-de-vida requer ir além de sua característica instrumental, vinculada ao modo de fazer e intervir no mundo, na natureza e nas formas de manifestação da vida. É preciso compreender a essência da técnica, seu modo de desvelamento do ser e, neste desvelamento a armação que se estabelece ocultando a violência do desocultamento. Trata-se para Heidegger de questionar a essência da técnica e, ao fazê-lo anunciar o perigo de sua essencialização ao abarcar a totalidade das manifestações existenciais, na aridez da instrumentalidade como meio e fim em si mesmo.

Palavras-chave: Técnica; Instrumentalidade; Desvelamento; Armação; Formas-de-vida.

Abstract: Abstract: This article makes reference to thinkers who verified throughout the twentieth century the centrality of technique in the conformation of life-forms in contemporary times. In the sequence it presents analytical perspectives on the technique of Promethean nature, which envisages in its development and imperatives the path of progress and of human and social development. In its counterpoint are presented analyzes of a faustic nature that point to the undesirable effects, but the risks to the life forms, to the world as a place of being there, coming from the belief in the technique as a promoter of progress and development. In this context, Heidegger's reflection on the question of technique is based on a faustic view. The black forest philosopher warns that understanding the technique and its impact on life-forms requires going beyond its instrumental characteristic, linked to the way of doing and intervening in the world, in the nature and forms of manifestation of the life. It is

* A forma-de-vida apresenta-se como o horizonte existencial humano, convencionado em cada período societário, e atribuído aos eventos vitais em sua totalidade, vivenciados em sua condição política, econômica, cultural em determinado contexto. A forma-de-vida apresenta-se como a condição constitutiva da cosmovisão humana, possibilitando aos seres humanos representar seu mundo num horizonte existencial de sentido e finalidade.

** Doutor em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina, Professor de Filosofia na Universidade do Contestado (UnC), Coordenador do Programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional (UnC) e Editor da Revista Científica Profanações: <http://www.periodicos.unc.br/index.php/prof>. E-mail: sandroluizbazzanella@gmail.com

necessary to understand the essence of the technique, its way of unveiling the being and, in this unveiling, the framework that is established hiding the violence of the unveiling. It is for Heidegger to question the essence of technique and, in so doing, to announce the danger of its essentialisation by embracing the totality of existential manifestations, in the aridity of instrumentality as means and end in itself.

Keywords: Technique; Instrumentality; Unveiling; Frame; Life forms.

1. Aspectos Introdutórios

O debate em torno da questão da técnica em Heidegger e o impacto sobre as formas-de-vida desencadear-se a partir das tensões e paradoxos constitutivos das perspectivas do mundo ocidental presentes na contemporaneidade. Mais precisamente, a questão da técnica remete diretamente ao debate sobre as implicações em torno da definição de vida e das perspectivas ontológicas, éticas e políticas que se apresentam neste contexto, ou seja, de questionar: Quais as consequências de uma visão de vida, de mundo hegemonicamente amparado pela ciência e pela técnica? Em que perspectivas a análise de Heidegger sobre a questão da técnica pode apresentar-se neste debate? Quais as suas condições de possibilidade? A vida e sua manifestação através de formas-de-vida articuladas entre natureza e cultura, historicidade e temporalidade, pode ser apreendida tecnicamente? Como conciliar horizontes ontológicos e políticos inerentes às formas-de-vida com as exigências pragmáticas da técnica?

Na condução deste debate, mesmo reconhecendo inúmeras contribuições de pensadores, como as de Georg Simmel, Oswald Spengler, G.F. Spengler, Gilbert Simondon, Max Weber e outros apoiar-nos-emos eminentemente nas reflexões heideggerianas sobre técnica e em filósofos iniciados por Heidegger, entre eles Emanuele Severino e Umberto Galimberti. Dialogar-se-á também, em alguns momentos, com o filósofo espanhol Ortega y Gasset em função de suas pioneiras contribuições reflexivas em torno da questão da técnica realizada no ano de 1933, através de um curso desenvolvido na Universidade de Verão de Santander, na Espanha e publicado posteriormente com o título: *“Meditação da técnica”* (1963), bem como com outros pensadores que contribuem com a temática em questão.

2. “A técnica é o destino do nosso tempo”

Iniciamos com uma premissa heideggeriana expressa em seu célebre texto “*A questão da técnica*”: “*A técnica é o destino de nosso tempo*”. Seguramente, pode-se dizer que a técnica é o destino do Ocidente desde seus primórdios. A técnica, esta capacidade criativa humana de fabricar instrumentos para o alcance de determinados fins, acompanha o ser humano desde seus primórdios na longa caminhada humanizadora do mundo.

No mundo grego antigo, principalmente através da obra de Aristóteles¹, a *téchne* está intimamente ligada à dimensão da estética. Para ele a arte ocupa-se da beleza que reflete um tipo ideal de realidade que na natureza se apresenta de forma imperfeita. Nesta perspectiva, para Aristóteles o belo é um bem², um valor universal desejável e alcançável pela via racional, mas também pela via prática no exercício ético e político da *polis*. Proporciona aos seres humanos a agradabilidade na contemplação das formas, do cosmo, da existência e da vida. É um bem que agrada aos seres humanos e está vinculado ao plano das faculdades cognitivas que procuram reconhecer na natureza, nos objetos e na própria vida, a ordem, a simetria e a determinação.

Para Aristóteles “há dois tipos de arte (*téchne*): artes mecânicas (que se ocupam da produção de instrumentos de trabalho) e artes imitativas da natureza.”³ As artes imitativas dizem respeito às belas artes (pintura, escultura, arquitetura) e tinham para Aristóteles uma função pedagógica. Facilitam e aprimoram o aprendizado em relação ao mundo, à natureza e à condição do ser humano no cosmo. A outra função presente nas obras de arte, segundo Aristóteles, é sua função catártica, expressa fundamentalmente nas peças teatrais, na poesia, na música e na tragédia⁴, pois possibilitavam aos cidadãos gregos a descarga das tensões acumuladas na vida real, em sua cotidianidade.

¹ É a referência à filosofia estética de Aristóteles imortalizada em duas magníficas obras: a *Retórica* e a *Poética*. Nestas obras Aristóteles expõe em seu melhor estilo sistemático e categórico uma análise pormenorizada da atividade estética.

² I. (1094 a) Admite-se geralmente que toda arte e toda investigação, assim como toda ação e toda escolha, têm em mira um bem qualquer; e por isso foi dito, com muito acerto, que o bem é aquilo a que todas as coisas tendem. ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 249.

³ MONDIN, Batista. **Curso de filosofia**. Tradução do italiano de Benôni Lemos; revisão de João Bosco de Lavor Medeiros São Paulo; Edições Paulinas, 1981, p.104.

⁴ “Ter inventado a tragédia é um glorioso mérito; e esse mérito pertence aos gregos. Há, de fato, algo de fascinante no sucesso que conheceu esse gênero, pois, ainda hoje escrevemos tragédias, passados já 25 séculos. Tragédias são escritas por toda a parte, no mundo todo. Mais ainda, continuamos, de tempos em tempos, a tomar emprestado dos gregos seus temas e seus personagens: ainda escrevemos *Electras* e *Antígonas*. (...). A tragédia grega apresentava, por meio da linguagem diretamente acessível da emoção, uma reflexão sobre o homem. Sem dúvida, é por isso que, em épocas de crise e de renovação como a nossa, sentimos a necessidade de um retorno àquela forma inicial do gênero. (...) É essa a razão pela qual, ao escrever sobre a tragédia grega, somos obrigados a lançar-nos em considerações sobre a filosofia dos autores, ou a falar dos deuses e dos homens. (...). A tragédia grega sempre dá um testemunho sobre o homem em geral. (...) essa noção dos limites inerentes à condição humana está sempre presente na tragédia grega. (...) E o coro menciona, incansável a cada instante, a ação dessas forças sobre-humanas. (...) A tragédia define-se muito mais pela natureza das questões que levanta

A *téchne*, pode ser dita, logo de princípio, um conhecimento (*gnósis*). É um conhecimento pois, corresponde a uma atividade do espírito, porém, é atividade produtiva e prática. A movimentação produtiva não se exaure, como ocorre com a atividade do *noûs*, na conceitualização; a arte, sendo causa de movimento que tem fundamento intelectual, enseja a formação de um silogismo prático, ou seja, de um silogismo que transporta o pensamento da esfera poética das idéias ao campo produtivo. Daí que, apesar de *gnósis*, a *téchné*, ao lado da *phrónesis*, é uma faculdade que dista substancialmente das demais faculdades intelectuais (*epistéme, sophia, noûs*).⁵

A partir desta premissa aristotélica, a técnica apresenta-se como uma forma de conhecimento. Atividade do espírito, da engenhosidade, da criatividade e se apresenta na forma de atividade produtiva e prática, ou, dito de outra forma, a técnica é potência de fazer, de materializar ideias, de colocá-las em ato através do campo produtivo. “O que “é” *téchne* “é” produto. Também tudo o que é produto, o é em virtude da *téchne*. (...). A *téchne* (...) é concepção e obra e importa em bifacialidade interativa entre o que se concebe e o que se produz.”⁶

A partir destes argumentos de matriz aristotélica, evidencia-se que a técnica é uma forma de conhecimento produtivo que não tende a um fim, não se propõe a promover um sentido. Não desvela a verdade. Simplesmente produz e, modifica o mundo, a existência, as formas-de-vida e acompanha o homem desde os tempos mais remotos, o que nos remete a “entender a técnica não como uma dimensão cultural entre outras do mundo contemporâneo, mas sim como *destino histórico do ser-ai*.”⁷

É sob estas perspectivas que Ortega y Gasset em seu curso e posteriormente obra: “*Meditações da Técnica*”, definirá a técnica como o conjunto dos atos técnicos empreendidos pelo homem na modificação do mundo, na reforma que o homem impõe à natureza, modificando-a no intuito de satisfazer necessidades e vontades. A técnica materializa-se como intensa e enérgica reação contra a natureza e suas forças, trazendo ao mundo, à existência, um conjunto de objetos e de seres que passam a fazer parte do projeto existencial humano.

do que pelo tipo de respostas que oferece. E o trágico consiste em medir a sorte do homem em geral, em função de desgraças individuais, muitas vezes excepcionais. (...) na tragédia luta-se, tenta-se fazer o que se deve. E tudo o que se faz, seja o bem ou o mal, acarreta sérias conseqüências. Isso e nada além disso, constitui a tônica da tragédia. ROMILLY, Jacqueline de. **A tragédia grega**. Tradução de Ivo Martinazo. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998, pp. 07/148/152/153.

⁵ BITTAR, Eduardo Carlos Bianca. **Curso de filosofia aristotélica: leitura e interpretação do pensamento aristotélico**. Barueri, SP: Manole, 2003, p. 1378.

⁶ Ibidem, p. 1379.

⁷ CASANOVA, Marco Antonio. **Nada a caminho: impessoalidade, niilismo e técnica na obra de Martin Heidegger**. Rio de Janeiro; Forense Universitária, 2006, p. 124.

De onde resulta que estes atos modificam ou reformam a circunstância ou natureza, conseguindo que nela haja o que não há – seja que não existe aqui e agora quando se necessita, seja que em absoluto não existe. Pois bem, estes são os atos técnicos, específicos do homem, o conjunto deles é a técnica, que podemos, desde logo, definir como a reforma que o homem impõe à natureza em vista da satisfação de suas necessidades. (...). É pois, a técnica, a reação enérgica contra a natureza ou circunstância que leva a criar entre esta e o homem uma nova natureza posta sobre aquela, uma sobrenatureza.⁸

Sob os imperativos da técnica, a vida em sua dimensão biológica é elevada à condição primeira das formas-de-vida na modernidade, é alterada e sacralizada pelo avanço científico e técnico. A técnica torna-se um fim em si mesma, um dispositivo vital sem o qual se torna quase impossível pensar a vida contemporaneamente. A técnica dispõe, usufrui e reforma a vida, na medida das necessidades práticas derivadas das demandas biológicas, de desejos e necessidades potencializados por uma forma especificamente moderna e contemporânea de ser e estar no mundo. Cada vez mais a realização da vida e/ou das formas-de-vida depende necessariamente da técnica. A técnica deixa de ser a extensão do corpo na luta pela sobrevivência, para dispor da vida para tê-la à sua disposição.

(...) o empenho do homem por viver, por estar no mundo, é inseparável de seu empenho de estar bem. Mais ainda: que vida significa para ele não simples estar, mas bem-estar, e que somente sente como necessidades as condições objetivas do estar, porque este, por sua vez, é suposto do bem-estar. (...). O bem-estar é a necessidade fundamental para o homem, a necessidade das necessidades.⁹

A busca da felicidade e do bem viver, residem na capacidade de desenvolvimento e aplicabilidade da técnica que pode permitir ao ser humano a longevidade, o corpo ideal e a vida saudável. Assim, se uma parte da vida humana está ligada ao que se pode denominar de natureza humana inerente a sua dimensão biológica, de algo que é natural e próprio da espécie humana, a outra parte ou dimensão da vida humana é aquilo que se constrói, que se cria e inventa culturalmente a partir dos seres e dos elementos que a natureza disponibiliza.

É esta capacidade de criação de invenção, de trazer ao mundo humano culturalmente construído que se denomina de técnica. A técnica se apresenta em uma de suas dimensões, na capacidade humana de trazer à existência e ao mundo humano, objetos, coisas e seres que não se apresentam num primeiro plano na existência natural de forma imediata. Mas, a capacidade

⁸ GASSET, José Ortega y. **Meditação sobre a técnica: Vicissitudes das ciências. Cacofonia na física.** Tradução e Prólogo de Luís Washington Vita. Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano Limitada, 1963, p. 14.

⁹ Ibidem, p. 20.

e a necessidade humanas de inventar a vida impulsionam-na a enfrentar a natureza, a manipulá-la e a exigir que a mesma entregue o que é necessário e de interesse para o bem-viver humano.

E precisamente a essa vida inventada, inventada como se inventa um romance ou uma peça de teatro, é ao que o homem chama de vida humana, bem-estar. A vida humana, pois, transcende da realidade natural, não lhe é dada como lhe é dado à pedra cair e ao animal o repertório rígido de seus atos orgânicos – comer, fugir, nidificar, etc. – Senão que o homem a faz, e este fazer a própria vida começa por ser a invenção dela.¹⁰

É neste contexto de invenção da vida humana, de construção do mundo, que o ser humano lança mão da técnica, a ponto de transformá-la contemporaneamente num fim em si mesma, passando a dispor do mundo, da totalidade da existência humana. O sujeito cognoscente traz consigo a necessidade de um método que lhe permita alcançar conhecimentos que, doravante, poderão ser estabelecidos sobre o mundo, sobre a existência, sobre a natureza, sobre sua condição humana e suas relações vitais. O sujeito moderno empreende uma incessante batalha cognitiva e técnica contra o *caos*, contra o desconhecido e/ou tudo aquilo que lhe escapa à capacidade de compreensão na perspectiva de constituição de um padrão, de uma ordem, de previsibilidade sobre o mundo. Estabelece-se o *cosmo* como condição da possibilidade de ordem, de harmonia, de objetividade, permitindo-lhe assim o desenvolvimento da ciência apoiada na instrumentalidade da técnica.

A luta pela ordem (...). É a luta pela determinação contra a ambigüidade, da precisão semântica contra a ambivalência. A ordem como conceito, como visão, como propósito, só poderia ser concebida para o discernimento da ambivalência total, do acaso do caos. (...) o outro da ordem não é uma outra ordem: sua única alternativa é o caos. (...). O outro é a incerteza, essa fonte de arquétipo de todo o medo.¹¹

Assim, desde seus primórdios, a ciência moderna, amparada pela instrumentalidade da técnica apresenta-se como portadora da vontade de verdade à procura do estabelecimento das leis universais, a partir das quais seria possível estabelecer a previsibilidade, a uniformidade, à regularidade dos seres e da dinâmica de sua existência. Pretendendo estabelecer relações de grandeza macrocósmica, bem como adentrar pelos intrincados e

¹⁰ Ibid., p. 32.

¹¹ BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e ambivalência..** Tradução Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999, p. 14.

ínfimos caminhos da materialidade em sua dimensão microcós mica, decifrando-lhe os segredos e as potencialidades, o homem investe esforços e esperanças no desenvolvimento científico e técnico. Esta condição de aposta na ciência e na técnica justifica-se em parte, pelo fato do homem sentir-se órfão, abandonado numa realidade cosmológica de grandezas e profundezas abissais, e compete somente a ele encontrar vias de entendimento dos fenômenos naturais que permeiam sua existência. Por outro lado, há que se ter presente que o desenvolvimento científico e tecnológico, no âmbito das relações entre os seres humanos, povos e culturas, implica no domínio do saber e no exercício do poder.

A partir destas prerrogativas que se constituem na modernidade e, na perspectiva de Nietzsche, a ciência seria a forma mais jovem e nobre na civilização ocidental do ideal ascético na construção de certezas, de verdades e segurança, necessárias ao ser humano que procura disfarçar a condição humana, seu caráter paradoxal e, necessariamente, parcial, limitado e contingente diante da inadiável tarefa de construir o mundo e inventar a vida por própria conta e risco, desprovido da sombra e do amparo, onipotente e onipresente do deus que foi assassinado pela ousadia de sermos modernos.

Ambos, ciência e ideal ascético, acham-se no mesmo terreno (...) na mesma superestimação da verdade (mais exatamente: na mesma crença na *inestimabilidade*, *incriticabilidade* da verdade), e com isso são *necessariamente* aliados – de modo que, a serem combatidos, só podemos combatê-los e questioná-los em conjunto. Uma avaliação do ideal ascético conduz inevitavelmente a uma avaliação da ciência: mantenham-se os olhos e os ouvidos abertos para esse fato! (...). Também do ponto de vista fisiológico a ciência pisa no mesmo chão que o ideal ascético: um certo *empobrecimento da vida* é o pressuposto, em um caso como no outro – as emoções tornadas frias, o ritmo tornado lento, a dialética no lugar do instinto, a *seriedade* impressa nos rostos e nos gestos (...).¹²

O deslocamento do eixo teocêntrico do mundo medieval para a perspectiva antropocêntrica moderna decretava a morte de Deus¹³ como fundamento transcendente sobre o qual se fundamentavam as verdades reveladas, que amparavam o homem no cosmo, que conferiam a ele sentido e finalidade existencial, que orientavam seus pressupostos éticos e políticos. Assim, compete ao homem e, somente a ele, desprovido inclusive de sua sombra,

¹² NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da Moral: uma polêmica**. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 141, (Aforismo 25).

¹³ O anúncio da morte de Deus feito em praça pública pelo louco do Nietzsche na obra “*Gaia Ciência*”, aforismo 125, ratifica de forma peremptória o cerne no projeto moderno, que desde seus primórdios exigia a morte de toda e qualquer transcendência como condição da afirmação do homem e de suas capacidades inventivas e criativas na construção de seu mundo, tendo como suporte à ciência e a técnica, agora elevadas à condição de novas transcendências num mundo secularizado.

como propõe Nietzsche em sua filosofia do meio dia, posicionar-se no mundo, dar forma à vida, que lhe permitam viver a intensidade das forças vitais, na sempiterna dinâmica do vir-a-ser.

Seguramente, o projeto moderno em seu eixo antropocêntrico é assaz impetuoso, desafiador à condição mortal dos seres humanos que anseiam por transcendências como garantia de sentido e finalidade existencial. Diz, mais ou menos, nestes termos, Nietzsche, na sua obra *Gaia Ciência*: “matamos deus, mas não conseguimos nos livrar de seu cadáver”, ou, dito de outra forma, a modernidade elege suas próprias transcendências e a transcendência digna de habitar o mais alto posto no monte Olimpo¹⁴ na modernidade e na contemporaneidade é a técnica.

O crescimento indefinido da potência da técnica pressupõe, de fato, na técnica, a consciência de que não há e não pode haver limites absolutos para seu agir, e sobretudo, de que não pode haver a forma da potência que, na tradição do Ocidente, foi considerada a potência suprema e divina com que o homem se aliou, garantindo assim o seu habitar na terra.¹⁵

Para o sociólogo português, Hermínio Martins, a modernidade assume posturas distintas diante das possibilidades da ciência e da técnica. Uma primeira forma de posicionamento, segundo o autor, é derivada de uma tradição prometéica que projeta na ciência e na técnica a condição por excelência do domínio das forças da natureza em função do bem humano. Através da ciência e da técnica o ser humano poderia libertar-se das limitações impostas pela natureza. Esta perspectiva apresenta-se no ideário dos fundadores do método científico, entre eles Galileu Galilei, Francis Bacon, alcançando a física mecânica de Isaac Newton, expressando-se em contundentes máximas, tais como: “É preciso torturar a natureza até que ela nos confesse seus números”, ou, “mensurar, escravizar e domar a natureza ao invés de compreendê-la”.

Por orientação desta tradição vasculha-se o cosmo em suas grandezas cósmicas, bem como em suas minúsculas formações materiais, com o afã de humanizar a natureza. Esta cosmovisão prometéica potencializou-se no século XIX sob a influência positivista e projetou

¹⁴ O Monte Olimpo figura na mitologia grega como a morada dos doze deuses e cujo mais alto posto era ocupado por Zeus. No entanto, se na dinâmica política sobre a qual se constituía a mitologia grega, Zeus negociava constantemente a condição do exercício do poder com os demais deuses, o âmbito técnico-científico exclui esta possibilidade, conduzindo os seres humanos à potencialização de uma racionalidade instrumental que se justifica pelo seu fazer. Ou seja, se algo é tecnicamente factível, que se faça não necessitando de justificativas éticas para sua execução e/ou implementação.

¹⁵ SEVERINO, Emanuele. **Horizonte ético para o nosso tempo (técnica e ética)**. Traduzido por Selvino J. Assmann. (In) <http://www.filosofia.it/pagine/pdf/Severino%20Orizzonte%20etico.pdf>. – Acessado em: 24/04/2008, páginas 1-16, p. 03.

na ciência e, fundamentalmente na técnica, a condição da humanização da natureza, da reforma da sociedade, da tecnificação dos corpos e do sentido conferido às formas-de-vida.

A segunda perspectiva que se estabelece no final do século XIX e, de forma mais contundente nos primórdios do século XX, é denominada de tradição fáustica por Hermínio Martins. A tradição fáustica caracteriza-se por um posicionamento crítico frente às promessas prometéticas de uma humanidade livre da dor, do sofrimento e das forças desproporcionais da natureza, transformando-a em natureza humanizada, integrada ao projeto antropocêntrico de construção de um mundo previsível, seguro e habitável.

A tradição faustica, em sua versão frankfurtiana, denuncia as falácias de uma racionalidade ocidental moderna que se materializa numa racionalidade instrumentalizada, tecnificada, indiferente moralmente em relação aos resultados de suas intervenções na natureza, no mundo, na existência. Uma razão instrumental que parte do princípio de que tudo o que é tecnicamente factível, justifica-se por si.

Tendo cedido em sua autonomia, a razão tornou-se um instrumento. No aspecto formalista da razão subjetiva, sublinhado pelo positivismo, enfatiza-se a sua não-referência a um conteúdo objetivo; em seu aspecto instrumental, sublinhado pelo pragmatismo, enfatiza-se a sua submissão a conteúdos heterônomos. A razão tornou-se algo inteiramente aproveitado no processo social. Seu valor operacional, seu papel no domínio dos homens e da natureza tornou-se o único critério para avaliá-la.¹⁶

Outra variável interpretativa decorrente desta tradição fáustica é a vertente heideggeriana que denuncia o niilismo técnico que se estabelece na modernidade e na contemporaneidade. Ou seja, que a técnica de um meio do qual o homem se utilizava para alcançar suas necessidades e finalidades existenciais, tornou-se um fim em si mesmo. Ao tornar-se um fim em si mesmo deixa de estar a serviço das demandas humanas, ou ainda, passa a fazer uso do ser humano na reprodução de seu vazio de sentido e finalidade. A técnica, ao tornar-se um fim em si mesmo, faz com que o homem seja alijado, desapropriado do horizonte de sentido e finalidade da técnica, perdendo o controle sobre suas realizações e, em última instância, coloca na eminência de extinção a própria vida em sua totalidade.

Abreviadamente, a tradição Prometéica liga o domínio técnico da natureza a fins humanos e sobretudo ao bem humano, à emancipação da espécie inteira e, em particular, das “classes mais numerosas e pobres” (na formulação Saint-Simoniana). A tradição Fáustica

¹⁶ HORKHEIMER, Max. **Eclipse da Razão**. São Paulo: Centauro Editora, 2000, p. 29.

esforça-se por desmascarar os argumentos Prometeicos, que subscrevendo, que procurando ultrapassar (sem solução clara e inequívoca) o niilismo tecnológico, condição pela qual a técnica não serve a qualquer objetivo humano para além de sua própria expressão.¹⁷

O filósofo italiano Emanuele Severino chama a atenção para o fato de que, contemporaneamente, não há mais sentido em se fazer distinção entre ciência e técnica, uma vez que não existiria mais uma ciência que dirigisse a técnica como uma entidade transcendente em relação à técnica. “Com base na superação desta distinção, não existe mais uma “ciência que dirige a técnica”, que continuaria (...) subordinada à ciência. Quando falamos de técnica, falamos de uma perfeita fusão entre a atitude contemplativa e a atitude prática (...).”¹⁸

3. Heidegger e a essência da técnica

Estas perspectivas analíticas estabelecidas pelo esforço cosmológico moderno remetem a uma análise considerada como epicentro da tradição fáustica na interpretação da técnica no contexto civilizatório ocidental e, apontam para Heidegger, que questiona a essência da técnica, como condição para se pensar a vida nas formas como ela se apresenta (*Dasein*). Para Heidegger a técnica não é a mesma coisa que a essência da técnica. A essência da técnica não é de modo algum coisa que se reduza ao âmbito técnico. Partir do técnico como condição de sua essência não possibilita alcançar a essência, o que limita a liberdade de pensar as implicações sobre a vida, sobre as possibilidades de ser e estar (apresentar-se) no mundo. Heidegger insiste que permanecer no âmbito do técnico como o essencial é, em última instância, negar a liberdade pelo fato de considerar a técnica como algo neutro. Heidegger, “considera nuestro tiempo como la época del predominio incondicionado de la esencia de la técnica moderna, esencia que llama *das Ge-stell*: lo dis-puesto, el dis-positivo, la im-posición, la posición-total. Esta esencia es un modo de destinarse el *ser* al hombre, y a ella corresponde este (...).”¹⁹

Questiona-se a técnica ao questionar o que ela “é”, o seu “ser”. Aquilo que lhe dá identidade que possibilita a aproximação de seu entendimento diante das possibilidades e

¹⁷ MARTINS, Hermínio. **Tecnologia, modernidade e política.** (In) Transições da modernidade. Revista Lua Nova. Nº 40/41 – Vol. 97, pp. 289 – 322, p. 290.

¹⁸ SEVERINO, Emanuele. **Horizonte ético para o nosso tempo (técnica e ética)**, 2008. Op.-Cit., p. 12.

¹⁹ GUERRA, Jorge Acevedo. Meditación acerca de nuestra época: una era técnica. (In) SABROVSKY, Eduardo. **La Técnica en Heidegger. Antología de textos.** Santiago del Chile: Ediciones de la Universidad Diego Portales, 2006/2007, p. 12.

matizes do que pode ser o real. A concepção moderna de técnica parte do pressuposto de que ela é um meio e um fazer humano, o que a caracteriza por sua determinação instrumental e antropológica. Porém, para Heidegger, ao definir-se a técnica como meio para fins, ou, a permanência deste caráter instrumental, faz com que todo esforço de conduzir o homem a uma adequada relação com a mesma, seja determinado pela concepção instrumental da técnica.

Ou seja, esta concepção instrumental da técnica, conduz a uma visão precarizada de mundo e de suas relações constitutivas, comprometendo um adequado posicionamento diante das prerrogativas técnicas que se apresentam na modernidade à medida que a transformam num fim em si mesmo e reduzem as condições de possibilidade do pensamento e da ação humana, remetendo-a à uma condição de conformidade, a atuar na operacionalização de formas otimizadas da técnica enquanto meio.

A partir desta visão instrumental da técnica, Heidegger adverte de que a correta determinação da técnica não permite alcançar sua essência. O que é meramente correto, talvez, não seja imediatamente verdadeiro e somente o que é verdadeiro nos leva a uma relação livre com o que nos toca, a partir de sua essência. Uma das possibilidades de “desocultar” o que a técnica “é” ou pode “ser”, é remeter à sua causalidade instrumental, ou seja, reconhecer na técnica, na sua redutibilidade fechada em si mesma e desprovida de finalidade para além de sua própria expressão, a dimensão meramente instrumental, operacional. Para os modernos, *causa* significa *aquilo que efetua*, que faz com que algo surja dessa ou daquela maneira como resultado, diferentemente do modo de os gregos pensarem, para quem *causa* significa *aquilo que compromete* uma outra coisa.

Há séculos a filosofia ensina que há quatro causas: 1. a *causa materialis*, o material, a matéria (...). 2. a *causa formalis*, a forma, a figura, na qual se instala o material; 3. a *causa finalis*, o fim (...) requerida e determinada segundo matéria e forma; 4. a *causa efficiens*, o forjador da prata que efetua o efeito, a taça real acabada.²⁰

Estas quatro causas apresentam-se como modos de comprometimento que permitem algo aparecer, apresentar-se à existência. Deixam algo surgir na “pré-sença”, liberam algo e, com isso, situam-se num completo surgir. O comprometimento é o traço fundamental de esse deixar situar no surgir. O comprometimento está situado na essência da causalidade pensada pelos gregos. O que está em jogo para os gregos é pensar o produzir em toda sua amplitude,

²⁰ HEIDEGGER, Martin. **A questão da Técnica**. Tradução e apresentação de Marco Aurélio Werle. Cadernos de Tradução, n. 2. DF/USP, pp. 40-93, 1997, p. 47.

na relação com a *physis*, na relação com a totalidade daquilo que é e que se apresenta para a existência. “De acuerdo con la concepción griega, la *physis* es la *póiesis* en el sentido más pleno y elevado. La *póiesis* humana es analógica a la de la naturaleza. Se trata de una producción de lo *artificial*; es decir, de lo que no surge *por naturaleza*.²¹

O produzir não se reduz ao que é feito manualmente, ao objeto que é levado a aparecer mecanicamente no mundo. É também o que, a partir de si emerge seu sentido e, os sentidos que propõem à existência em seu entorno são um produzir. Sendo assim, o que se apresenta, tem em si a irrupção do produzir no comprometimento consigo e com o mundo, com a *physis*. O produzir leva do “ocultamento” para o descobrimento, é o trazer ao mundo, ao plano da existência, da reversibilidade, na medida em que algo oculto chega ao desocultamento, à verdade, como a exatidão da representação.

A técnica apresenta-se para os gregos como um modo de desabrigar, de desocultar o ser, de trazer à existência, de alcançar a verdade. Ela desabriga o que não se produz sozinho e ainda não está à frente e que, por isso, pode aparecer e ser notado. O decisivo na concepção técnica do mundo antigo é a sua possibilidade de desabrigar, de trazer à existência, essencializando-se no âmbito onde acontece o desabrigar, o desocultamento.

No contraponto com as prerrogativas da técnica no mundo antigo, para Heidegger, a questão decisiva apresenta-se da seguinte forma: “*de que essência é a técnica moderna*”? Ora, também ela é um desabrigar, um desocultar. Ela o faz desafiando e exigindo, na relação com a natureza, que se reduza à condição de fornecedora de energia e matéria prima a ser armazenada, consumida freneticamente, na marcha do ideal de progresso do mundo moderno. Apresenta-se como o desafio de extrair, destacar da natureza, tirar o máximo de proveito a partir do mínimo de despesas. A natureza é objetivada, desabrigada e reduzida à condição funcional e pragmática. Explorar, transformar, armazenar e distribuir são os modos do desabrigar. O mundo transforma-se num depósito de mercadorias e quinquilharias, expressão máxima da sociedade do consumo, de uma racionalidade que se estabeleceu na crença no progresso material, na condição do desenvolvimento existencial.

Como de-pósito aparecem as coisas somente na sua funcionalidade e dis-posição. (...). A palavra de-pósito ganha agora a posição de um título. Ela caracteriza nada menos do que a maneira como tudo que foi atingido pelo desocultamento exigente desafiante se apresenta. (...). No processo da apropriação das propriedades das coisas, a técnica

²¹ LINARES, Jorge. LA CONCEPCIÓN HEIDEGGERIANA DE LA TÉCNICA: DESTINO Y PLEIGRO PARA EL SER DEL HOMBRE. (IN) **Revista: Signos filosóficos**, num.10, Julio-diciembre, 2003. Universidad Autónoma Metropolitana – Iztapalapa. México, páginas 15-44, p. 29.

desapropria-as do próprio. (...) atinge o homem a quem a técnica demanda igualmente como depósito.²²

A busca moderna pelo viver bem, pelas pequenas felicidades proporcionadas pelos instantes efêmeros de consumo, pela segurança individual, apresenta-se como um dos traços fundamentais do desabrigar do mundo, da vida pela técnica. O modo pelo qual tudo o que é tocado pelo desabrigar se essencializa pela técnica moderna, está submetido à lógica da subsistência e, necessariamente, da subserviência do mundo, da natureza e da existência. Ao transformar a natureza em objeto de pesquisa, ao representá-la a partir de um olhar objetivo e metódico, o homem elimina o apresentar-se da natureza em si mesma e faz com que desapareça e se ausente na perspectiva da redutibilidade a objeto de subsistência. A técnica moderna, enquanto desabrigar que requer, não é um mero fazer humano, mas potencializa no ser humano o desejo e a vontade para requerer o real, enquanto, mera condição de subsistência. “O valor calculado dissolve as propriedades específicas das coisas, desfaz a sua identidade e demonstra o desconhecimento do seu peso específico”.²³

Na essência da técnica encontra-se aquilo que Heidegger designa como “armação”, sobre o qual se apóia o trabalho técnico de categorização em estruturas, camadas, suportes e conjuntos de peças que compõem a totalidade. A armação apresenta-se, desta forma, como dissecação da totalidade na fria estruturação das partes funcionais. Na armação acontece o descobrimento onde o trabalho da técnica moderna desabriga o real enquanto subsistência. Nesta condição, o homem da era da técnica moderna é desafiado a incorporar-se na centralidade do desabrigar, assumindo uma postura instrumental de requerente frente à natureza e em relação a si mesmo. Seu modo de representar a natureza faz com que a disponibilize como um complexo de forças possíveis de serem calculáveis, mensuráveis, e conseqüentemente, manipuláveis sob estas perspectivas. “Definir a técnica como uma maneira de desocultamento significa entender a essência da técnica como a verdade do relacionamento do homem com o mundo. A técnica não é mais algo exterior e exclusivamente instrumental, mas a maneira pela qual o homem se apropria e se aproxima da natureza.”²⁴.

Um ser humano sente-se como se fosse o centro do Universo porque, para ele, sua própria percepção consciente é o ponto de onde vê o panorama cósmico espiritual e material. Também é egocêntrico, no

²² BRÜSEKE, Franz Josef. **A técnica e os riscos da modernidade**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2001, pp. 79/80/81.

²³ Ibidem, p. 67.

²⁴ BRÜSEKE, Franz Josef. **A Modernidade Técnica**. (In). Revista Brasileira de Ciências Sociais, Volume 17, Nº 49, Junho de 2002. páginas 135-173. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acessado em 26/03/2008, p. 140.

sentido de que seu impulso natural é tentar fazer o resto do Universo servir a seus propósitos. Ao mesmo tempo, tem consciência de que, longe de ser o verdadeiro centro do Universo, ele próprio é efêmero e dispensável.²⁵

A técnica moderna somente se afirmou quando pôde apoiar-se sobre a ciência exata na interpretação da natureza. A moderna teoria da física representa a preparação daquilo que Heidegger entende como essência da técnica moderna, na medida em que tal teoria expõe a natureza, como conjunto de puras teorias universalizáveis, dispostas como contexto de forças previamente possíveis de serem calculadas em padrões de regularidades determináveis pelo ser humano. Mesmo com o recuo da física, em sua visão mecanicista e objetiva da natureza, não se renuncia ao fato de que a natureza se anuncie em algum modo asseverado, calculado, como sistema de informações. Uma vez mais, a possibilidade de impulsão na direção da causalidade, em sua essencialidade, é preterida em “função” de causas asseguradas e simultâneas na ordenação de um mundo objetivo, disposto unicamente à subsistência.

Portanto, a essência da técnica moderna se anuncia naquilo que Heidegger denomina como armação, que é o modo a partir do qual a realidade se desabriga como subsistência. O homem, em sua natureza e condição humana, apresenta-se no mundo desafiado a requerer e a desabrigar a realidade enquanto necessidade de subsistência. Desta forma, o ser humano está situado no âmbito essencial da armação e a técnica torna-se o ambiente vital conduzindo-o pelo caminho do desabrigar o real por todos os lugares e recantos possíveis e imagináveis.

A essência da técnica conduz o homem para o caminho do desabrigar como sendo seu “destino”, o que remete a pensar uma essência da história para além da mera historiografia ou da ratificação do fazer humano. Esta perspectiva destinal marcante da trajetória humana apresenta-se como infinito impulso adiante, como contínuo progresso que se supera a si mesmo, missão antropocêntrica de subjugar, de desabrigar ou de desocultar na intenção de alcançar o máximo domínio e a maior previsibilidade sobre as coisas, sobre o mundo, sobre a existência e, sobre os próprios seres humanos.

Parece que si el hombre está emplazado por la esencia de la técnica, y ahora su entera existencia está dominada por el *solicitar* provocador, entonces no puede establecer – por el momento – una relación libre y una distancia ontológica que le permita salir deste emplazamiento. En este sentido, la esencia de la técnica moderna se revela como un destino (*Geeschick*) que el ser nos ha destinado. (...). Así, pues, Heidegger muestra que la libertad del hombre ante la técnica moderna

²⁵ TOYNBEE, Arnold. **A humanidade e a mãe-terra: uma história narrativa do mundo**. Tradução Helena Maria Camacho Pereira e Alzira Soares da Rocha. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987, p. 20.

está limitada e, incluso, amenazada. El hombre no puede desatender el llamado provocador de la técnica porque proviene del ser mismo y es el modo como ha sido revelado en nuestra época.²⁶

A armação como perspectiva existencial, como condição destinal ao desabrigar o real, transformou-se, na modernidade, num imperativo categórico da condição para o descobrimento da realidade. O destino do desabrigar domina os homens, não, porém, como mera fatalidade de coação, mas como condição da liberdade. Liberdade inserida em determinada temporalidade e historicidade, remetendo o homem à paradoxalidade de sua condição diante de projetos existenciais autênticos e suas exigências, daquele que contempla, ouve e se sente pertencente ao âmbito do destino, ou, de projetos existenciais inautênticos, quando se abre mão do exercício da liberdade, daquele que reflete a própria existência, o estar-aí, o apresentar-se no mundo em meio a seus desafios.

Para Heidegger “ a essência da liberdade, *originariamente*, não está ordenada segundo a vontade, ou, apenas segundo a causalidade do querer humano”. A “liberdade do que é livre não consiste nem na independência do arbítrio, nem no compromisso com meras leis”.²⁷ A liberdade é o que iluminando oculta, que se aproxima da verdade e reconhece que o essencial pode ali não estar, é o reconhecimento do fundo misterioso no desvelamento do ser.

O discurso moderno afirma a técnica como o destino da época atual enquanto marcha para o progresso, para o desenvolvimento, algo inalterável e inevitável. Tal prerrogativa civilizatória remete a polêmicas e polarizações diante da técnica, na forma de perpetuá-la cegamente, ou, de insurreição desesperada contra ela, o que revela os extremismos que se assumem diante da técnica, conduzindo à posições equivocadas e infrutíferas em torno do debate de sua importância e, de seus limites sobre a vida em sua totalidade e sobre a condição humana.

Para Heidegger a questão central está no humano se abrir para a “essência” da técnica, o que o remete à exigência libertadora de sua condição, de reconhecer que a essência da técnica como elemento destinal, potencializado na inevitável marcha para o progresso, remete o homem à condição de perigo. Pois, o desabrigar que remete ao conhecimento objetivo sobre o mundo abriga o perigo de o ser humano equivocar-se e falsear (por meio do que foi descoberto) o mundo. Dessacralizando-o, retira-lhe o mistério que reside em seu fundo causal. “la originalidad y la validez actual de la filosofía heideggeriana de la técnica (...), sino, más bien, en el hecho de haber advertido que el peligro que proviene de la técnica

²⁶ LINARES, Jorge. **LA CONCEPCIÓN HEIDEGGERIANA DE LA TÉCNICA: DESTINO Y PLEIGRO PARA EL SER DEL HOMBRE**. 2003. Op-cit., p. 34.

²⁷ HEIDEGGER, Martin. **A questão da Técnica**. 1997. Op-cit., p. 75.

es *ontológico*, pues afecta al ser del hombre en tanto *ser abierto al ser* y en tanto que se poseedor de una inherente *libertad para ser*. ”²⁸

Considerações finais

O descobrimento de um contexto calculável e mensurável de forças naturais, de possíveis representações geométricas da natureza, permite ao homem transformá-la, mas o perigo apresenta-se no fato de transformar esta (possível) representação da natureza em algo verdadeiro. Nesta condição, pode-se dizer que o perigo se apresenta em duas direções. Na primeira, que o mundo objetivamente conhecido é reduzido à condição de subsistência, a uma quantidade infinita de mercadorias consumíveis e descartáveis, redução esta que atinge e configura necessariamente a vida em suas formas contemporâneas. A segunda é a ilusão de que tudo o que vem ao encontro, somente subsiste na medida em que é algo feito pelo homem. Isto confere ao homem a aparência de que em todos os lugares somente encontra a si mesmo.

A armação, como essência da técnica moderna, coloca em um jogo perigoso, o mundo, a natureza, o próprio ser humano em sua relação consigo e, com tudo o que é e se apresenta a existência no plano da imanência. Impede toda possibilidade diferente de desabrigar, marcada pela imposição e cobrança por segurança e subsistência. A armação impede o aparecer e a afirmação da verdade essencial. O destino que requer e manda é, assim, o extremo perigo. A essência da técnica enquanto destino do desabrigar é o perigo ao qual as formas-de-vida na contemporaneidade estão submetidas. A autêntica ameaça já impregnou o ser humano em sua essência, impedindo-o de adentrar num desabrigar mais originário, de perceber o apelo a uma verdade originária.

Neste contexto, a técnica trespassa as formas-de-vida em curso em nossos dias, respondendo aos anseios, aos desejos e às necessidades derivadas de práticas de vida elevadas em sua condição prioritariamente biológica. Cada vez mais a busca pela realização vital, por sentido e finalidade que orientem as formas-de-vida, articula-se às armações possíveis derivadas das panacéias prometidas da técnica. A técnica deixa de ser a extensão do corpo na luta pela sobrevivência, no desvelamento do ser que é chamado à existência, para provocar e dispor da vida, para tê-la à sua disposição como reserva biológica na busca da longevidade, do corpo perfeito, na otimização dos desejos e necessidades de produção e consumo.

²⁸ LINARES, Jorge. **LA CONCEPCIÓN HEIDEGGERIANA DE LA TÉCNICA: DESTINO Y PLEIGRO PARA EL SER DEL HOMBRE**. 2003. Op-cit., p. 41.

Nesta perspectiva, a busca da felicidade e do bem viver, reside nas promessas e na crença de desenvolvimento e de aplicabilidade da técnica, que permitirão ao ser humano a longevidade, o corpo ideal, à vida saudável, o consumo privatizado de si mesmo e, a descartabilidade de objetos e de relações com as coisas e com os seres humanos, que perdem a compreensão de seu sentido na efemeridade das relações tecnologizadas em que se insere a vida de consumo.

Assim, o que estava em jogo na modernidade e que se potencializa na contemporaneidade é a construção de uma ordem racional, asséptica e higiênica que projeta na técnica os dispositivos por excelência na definição da vida, na manipulação dos corpos como o suporte da vida e da morte. O corpo, este lugar polissêmico, híbrido entre natureza e cultura, entre privado e público, necessitava ser disciplinado, higienizado, como condição da máxima produtividade e felicidade possível. Submetido aos constantes tratamentos, métodos e técnicas com o intuito de controlar e, se possível, extirpar as mazelas que se abatem sobre os corpos degenerando-os, ceifando-os, abortando prematuramente vidas produtivas e consumidoras.

O corpo, suporte por excelência da vida é transformado em laboratório vivo de dietas, de regimes, de tratamentos e de drogas sintetizadas, no afã de alongar a vida, diminuir sofrimentos, otimizar suas condições de plena produtividade e de consumo, exige tecnicamente que se possa livrá-lo de sintomas de desconforto, de indisposição, e em certas circunstâncias, em que os cálculos de custo e benefício assim o exigirem, de agilizar a sua morte quando esta se faz eminente e “irreversível” (a partir dos discutíveis critérios técnicos da medicina), a consumir significativos recursos estatais e sociais na manutenção de um corpo que jaz decrépito e inerte em um leito de hospital.

A técnica elevada à condição de si mesma agrilhoa a vida à manifestação e à condição biológica. Confere-lhe um horizonte ontológico e político articulado em torno de formas-de-vida, caracterizadas por uma ansiosa busca pela vida. Paradoxalmente constata-se que, em nenhum outro momento da ocidentalidade, a vida foi tão obliterada, violentada e, reduzida em suas potencialidades. A efemeridade, o instantâneo e a descartabilidade dificultam fazer a experiência da presentidade cotidiana do ser, de apreciar o transcorrer dos fatos, que constituem a vida. Impede-se o ser humano de fazer a experiência da finitude, da morte como um momento único de cada ser e como condição do bem viver, mas, em outro sentido, apenas como um “evento” consumível, na efêmera dinâmica de formas-de-vida decrépitas.

Porém, Heidegger dirá: “Mas onde o perigo cresce também há salvação.”²⁹. Ou seja, a essência da técnica deve abrigar em si as possibilidades daquilo que salva. Para tanto, questionar-se-á a técnica, pois, é na sua essência que se encontram as possibilidades que salvam. É a técnica que solicita e impulsiona a pensar em outro sentido o que se entende por “essência”. Assim, torna-se imprescindível que também se questione: É essencial tudo aquilo que dura? Mas, o que dura é o que somente continua? Dura a essência da técnica no sentido da continuação de uma ideia que paira sobre tudo o que é técnico?

O modo como a técnica se essencializa somente se deixa visualizar com base naquele continuar por onde acontece a armação enquanto um destino do desabrigar. Na armação que se impõe sobre o homem, no requerer como único modo de desabrigar, impulsionando o homem ao perigo do abandono de sua livre essência, encontra-se a possibilidade da percepção do sentido, do pertencimento íntimo e indestrutível, do homem a uma totalidade que mantém seu mistério e leva a atentar para a essência da técnica.

Enquanto se representa a técnica como instrumento, permanecer-se-á preso à vontade de dominá-la e, na sensação de dominá-la, fica-se cada vez mais aprisionado e violentado por ela, sem perceber, na medida em que se depositam confiança e esperança, de que o desenvolvimento técnico instrumental é a condição de um mundo melhor. Questionar a técnica moderna é, portanto, questionar-lhe a essência em sua ambiguidade enquanto impulso para o “mistério do desabrigamento da verdade”. “A questão da técnica é a questão acerca da constelação na qual acontece a essencialização da verdade”.³⁰

Portanto, para Heidegger, a “*A questão da Técnica*” apresenta-se como uma convocação, como possibilidade diante de possível salvação. Salvação esta que se realiza nas pequenas coisas, no olhar atento e na contemplação do mundo e da vida de forma questionadora, procurando compreender, no limite das possibilidades, o fato técnico de estar diante de inúmeras possibilidades vitais e da companhia de perigo extremo.

Questionar a essência da técnica é anunciar o perigo de sua essencialização e abarcar a totalidade das manifestações existenciais, na aridez da instrumentalidade como meio e fim em si mesmo. Questionar a essência da técnica é dar-se conta de que ela se tornou o ambiente por onde se vaga, se vive, se convive e se modifica a natureza, o entorno. É dar-se conta de ser requerido e provocado por um poder que se manifesta na essência da técnica. Enquanto se questiona o homem é, pois, o questionar é a condição e a atenção do pensamento.

²⁹ HEIDEGGER, Martin. *A questão da Técnica*. 1997. Op-cit., p. 81.

³⁰ HEIDEGGER, Martin. *A questão da Técnica*. 197. Op-cit., p. 87.

Referências

- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e ambivalência**. Tradução Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- BITTAR, Eduardo Carlos Bianca. **Curso de filosofia aristotélica: leitura e interpretação do pensamento aristotélico**. Barueri, SP: Manole, 2003.
- BRÜSEKE, Franz Josef. **A técnica e os riscos da modernidade**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2001.
- BRÜSEKE, Franz Josef. **A Modernidade Técnica**. (In). Revista Brasileira de Ciências Sociais, Volume 17, Nº 49, Junho de 2002. Páginas 135-173. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acessado em 26/03/2008.
- CASANOVA, Marco Antonio. **Nada a caminho: impessoalidade, niilismo e técnica na obra de Martin Heidegger**. Rio de Janeiro; Forense Universitária, 2006.
- GASSET, José Ortega y. **Meditação sobre a técnica: Vicissitudes das ciências. Cacofonia na física**. Tradução e Prólogo de Luís Washington Vita. Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano Limitada, 1963.
- GUERRA, Jorge Acevedo. Meditación acerca de nuestra época: uma era técnica. (In) SABROVSKY, Eduardo. **La Técnica en Heidegger. Antologia de textos**. Santiago del Chile: Ediciones de la Universidad Diego Portales, 2006/2007.
- HEIDEGGER, Martin. **A questão da Técnica**. Tradução e apresentação de Marco Aurélio Werle. Cadernos de Tradução, n 2. DF/USP, pp. 40-93, 1997.
- HORKHEIMER, Max. **Eclipse da Razão**. São Paulo: Centauro Editora, 2000.
- LINARES, Jorge. LA CONCEPCIÓN HEIDEGGERIANA DE LA TÉCNICA: DESTINO Y PLEIGRO PARA EL SER DEL HOMBRE. (IN) **Revista: Signos filosóficos**, num.10, Julio-diciembre, 2003. Universidad Autónoma Metropolitana – Iztapalapa. México, páginas 15-44.
- MARTINS, Hermínio. **Tecnologia, modernidade e política**. (In) Transições da modernidade. Revista Lua Nova. Nº 40/41 – Vol. 97, pp. 289 – 322.
- MONDIN, Batista. **Curso de filosofia**. Tradução do italiano de Benôni Lemos; revisão de João Bosco de Lavor Medeiros São Paulo; Edições Paulinas, 1981.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da Moral: uma polêmica**. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- ROMILLY, Jacqueline de. **A tragédia grega**. Tradução de Ivo Martinazo. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

SEVERINO, Emanuele. **Horizonte ético para o nosso tempo (técnica e ética)**. Traduzido por Selvino J. Assmann. (In) <http://www.filosofia.it/pagine/pdf/Severino%20Orizzonte%20etico.pdf>. – Acessado em: 24/04/2008, páginas 1-16.

TOYNBEE, Arnold. **A humanidade e a mãe-terra: uma história narrativa do mundo**. Tradução Helena Maria Camacho Pereira e Alzira Soares da Rocha. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

Recebido em 29/08/2018

Aprovado em 16/10/2018